

Conferência

VICENTE BELTRÁN ANGLADA



Diálogos Esotéricos

A Lei da Periodicidade e o Devachan

Barcelona, 14 de dezembro de 1987

A VERDADE HÁ DE SE APRESENTAR DE TAL MANEIRA QUE CONVENÇA SEM  
PRENDER E QUE ATRAIA, MESMO SEM CONVENCER. ISTO SÓ PODE  
SER REALIZADO PELA LINGUAGEM DO CORAÇÃO.

# Diálogos Esotéricos

## A Lei da Periodicidade e o Devachan

---

**Vicente.** – Uma das grandes leis universais que o investigador esotérico deve necessariamente investigar é a *Lei da Periodicidade ou dos Ciclos*. Os mais importantes são aqueles refletidos pela dualidade que existe em toda parte em cada uma das áreas do Universo, por exemplo, a dualidade: sol-lua, claro-escuro, bem-mal, constituem aspectos dessa lei de periodicidade ou ciclos, ou intervalos, também se pode supor que há sempre um intervalo entre duas polaridades. Mas há uma polaridade que vai do nascimento à morte, de um espaço intermediário que constitui um grande mistério a ser desenvolvido pelo discípulo ou pelo esoterista: é a lei do intervalo, ou a lei do descanso, que também vemos refletida em toda parte. Entre um Mahamanvantara, ou ciclo de expansão de um Universo ou Sistema Solar, e sua extinção, quando o Universo já deu tudo o que tinha a dar ao Logos para sua expansão cíclica, ele penetra em outra zona que não é mais atividade, pelo menos uma atividade objetivamente reconhecida, que é o grande Pralaya. Há um período de atividade universal, e depois há um período de descanso que também faz parte da grande dualidade cósmica.

No homem também há um período de descanso entre duas encarnações ou entre duas existências, pois, em uma inspeção mais atenta, nascimento e morte são aspectos muito semelhantes, senão os mesmos. Por exemplo, o nascimento para a vida física começa, mas a morte é outro nascimento que vai para a vida espiritual no sentido de que vai para um plano que não é mais inteiramente físico, que é mais sutil. Mas no período entre duas encarnações há um período de descanso que é a réplica no homem do grande Pralaya Solar que chamamos de Devachan ou o céu dos cristãos. O objetivo de Devachan é uma das maravilhosas contribuições da grande compaixão logoica para com a raça humana, já foi dito até que dentro do grupo de almas existem períodos de Devachan para os próprios animais, plantas ou minerais, para dizer que estamos lidando com um assunto verdadeiramente cósmico, que vai dos grandes arcanjos aos átomos mais humildes, sendo, portanto, uma obra de compilação constante de todas as forças, de todas as energias, de tudo o que fizemos, de tudo o que podemos fazer, e que está integrado dentro de um conceito dito filosófico, que está circunscrito dentro desse eu que todos conhecemos e que constitui nossa expressão física.

A morte, que tanto aterroriza as pessoas, é o início de uma outra vida mais serena, mais brilhante, mais diáfana. É o fim de um ciclo e a entrada em outro ciclo, digamos, de expansão em outros níveis. Quando a morte do ego ocorre no plano físico, entra-se automaticamente em um plano diferente

cujo objetivo é reduzir o ego à sua menor expressão. Todos os sete subplanos do plano físico são subdivididos em tantos subplanos inferiores na proporção de sete, porque sete é o número do Universo, e esses sete subplanos inferiores são subdivididos em sete outros subplanos até atingirem o infinito. Então essa é uma rede realmente maravilhosa – para quem tem clarividência – que visa um processo de eliminação de tudo o que constitui um peso específico da personalidade, entendendo que a gravitação é um efeito derivado do carma, quanto mais carma, mais o ego pesa, mais afundado na matéria. Então, níveis e subníveis divididos em outros tantos subníveis, nada mais é do que uma densa rede que tem que peneirar tudo que o ego fez fisicamente durante seu período de existência. Esses subplanos, sejam físicos, astrais ou mentais, são chamados de grandes planos de eliminação ou filtração. O "eu" é filtrado de tal forma que o que pesa permanece em cada um, digamos, alvéolos, dessa grande rede que circunscreve todos os planos, de modo que o "eu" está passando por um processo, digamos, de purgatório, que é exatamente como a Igreja costuma dizer. Um plano é purgatório, outro plano, e aqui até onde o eu possa chegar. *(Vicente está explicando em um desenho no quadro-negro)* O que é que vai subindo com o eu? Aquilo que não tem peso, as qualidades distintivas do ego, o bem realizado, o que carece de gravidade, é isso que vai subindo, recopilado isto em forma de síntese penetra no átomo permanente. O átomo permanente então condensa em síntese todas as qualidades do eu, os defeitos permanecem sempre nos níveis de filtração.

O que se diz sobre o plano físico também pode ser dito sobre o plano astral. O eu, depois de morrer, está pululando – depende de sua elevação – nos níveis precisos. Sabemos que no nível puramente físico, nos sete subplanos conhecidos, temos um físico-denso; temos líquidos, gasosos e quatro éteres. Esses quatro éteres constituem para cada ser humano a matéria com a qual o corpo etérico de cada um dos seres humanos foi criado, então esses quatro níveis – quatro níveis etéricos – são aqueles que deram uma forma vital ao corpo físico que acabou de morrer. Então, tudo o que ascende do corpo físico, aquilo que foi purificado do corpo físico, fica enquadrado em um ou outro nível etérico do plano físico-denso, quando sobe está se convertendo, assim como acontece com a fumaça de uma chaminé, que quando emerge é muito densa, mas à medida que se espalha chega um momento que se funde com o próprio espaço, deixa de existir. Esta é a missão dos subplanos, reduzir o denso ao etérico, e aqui reduzir o denso do plano astral ao imaterial do plano astral, ou o mais sutil.

E o mesmo vale para o plano mental. O que acontece então? Primeiro, esse processo de eliminação, ou se preferirem, de recapitulação ou sonho da Alma em cada plano, é o que faz o peneiramento entre defeitos e qualidades. Aqui permanecem em cada subplano os defeitos, as qualidades voláteis ascendem, constituem parte da força que o átomo físico permanente terá, e então o mesmo processo ascende ao plano astral, até

atingir certos níveis definidos, que defini *como níveis devachânicos*, que são quatro, localizados no primeiro nível - o mais baixo - do plano mental, o segundo, o terceiro e o quarto. Quando chegamos ao terceiro, que é onde está a vida do Anjo Solar, há um processo alquímico que só é realizado pelos grandes discípulos ou pelas pessoas muito mentais e experientes que fazem o trabalho de criar uma unificação entre cada um dos níveis mentais onde está inscrito, até o Anjo Solar, levando em conta que o átomo mental permanente está no subplano superior, isto é, no plano atômico, por assim dizer, do plano mental, havendo então uma linha de relação entre a capacidade mental de cada pessoa nos quatro subplanos, é um plano devachânico. Aqui estamos falando de outra coisa, aqui estamos falando da mente. A unidade mental do homem muda com sua própria evolução, de modo que temos quatro tipos de pessoas que estão usando a unidade mental como um centro ou como chakra, para ter contato com o Anjo Solar, e para esta linha que vai da unidade mental de cada um com o Anjo Solar é chamada de *Antahkarana*. A linha que vai dos níveis superiores ao nível físico é o *Sutratma*, o fio da vida, mas quando falamos do Devachan estamos falando do Eu revestido com suas próprias qualidades, não estamos falando do Anjo Solar, mas do Eu revestido com aquilo que não tem peso, e então, de acordo com a própria evolução, sempre em consonância com a unidade mental - o desenvolvimento mental do homem - o Devachan de uma pessoa pode estar no primeiro, segundo, terceiro ou quarto subplano do plano mental, e aqui realiza a tarefa específica de dar vida a outras formas de existência interna, a algo que ele não foi capaz de desenvolver no corpo físico naquela encarnação. Assim, Devachan é um Céu, porque tudo que o homem realizou ao longo de toda a sua vida está concentrado no Devachan, e no Devachan o homem que deixou seu corpo, que passou pelo purgatório de tantas eliminações, está circunscrito dentro de uma esfera que ele mesmo criou; e dentro dessa esfera - que pode estar situada nessas quatro regiões devachânicas - vive aquilo que ele gostaria de viver; a pessoa que sofre não sofre mais. Aqui, pela primeira vez em sua vida, o homem se encontra sem carma, está sujeito à lei de suas próprias qualidades, e essas qualidades engendradas através de sua própria vida física permanecem dentro dessa esfera criada pelo eu com suas qualidades como um estado de consciência, não um lugar, um estado de consciência que pode durar centenas de anos. vivendo apenas sob a proteção da lei da paz, da fraternidade, da justiça, da alegria, da felicidade suprema, a felicidade que está ao alcance de cada uma das consciências que fazem parte ou que criaram o Devachan.

De modo que todo o plano devachânico em sua totalidade, para o iniciado que tem visão mental superior, deve estar em globos, por assim dizer, de cores diferentes e diferentes extensões. Na realidade são esferas de cor matizada pelo Raio da pessoa que ainda está integrada em um Ray dentro do Devachan. E neste Devachan, a pessoa, como eu digo, está vivendo tudo o que ela queria fazer e não pode fazer, tudo o que ela queria

viver e o carma a impedia de fazer, ela vive uma vida de deleite, de felicidade. Então, por favor, não temam a morte, sejam teósofos convencidos, porque a morte realmente não existe, apenas muda a consciência de estado, não de lugar. O esoterista só aceita um lugar quando há uma coisa concreta, como o corpo físico, por exemplo, ocupa um lugar. O resto é muito mais difícil, pois se aqui podemos perceber através da autoconsciência um eu físico que ocupa um lugar no espaço, quem não tiver visão astral não conseguirá conceber um corpo astral, muito menos um corpo mental. Assim, quando o iniciado ascende ao longo do caminho de sua unidade mental e atinge o quarto subplano do plano mental, é quando ele já está na iniciação terceira, segunda e terceira, primeira, o segundo, subplano de iniciação do plano mental, e aqui executa a tarefa, e subindo constantemente pela linha do Antahkarana. Há quatro tipos de Antahkarana, de acordo com a qualidade da pessoa, neste momento não estamos falando do Devachan, estamos falando desse princípio mental, da unidade mental que não está em todos os homens no mesmo lugar ou no mesmo nível. A unidade mental em cada um é sua própria expressão, seu próprio pensamento, suas próprias ideias, seu modo de conceber a história, sua potência memorial, tudo que constitui um arsenal de coisas que cada um tem em sua unidade mental, os dados de aproximação nas coisas, os dados de aproximação nos seres, os dados de aproximação a tudo que pode ser um conhecimento esotérico, até chegar a um ponto em que realmente "*Cristo em ti, esperança de glória*", como disse Paulo de Tarso, se torne realidade, a pessoa se torna o próprio Anjo Solar. Assim, a partir desse nível ele estabelece contato com o Eu superior, já é permanente. A unidade mental é apenas um reflexo, não é um esforço, até aqui a unidade mental serviu apenas para ascender até o "Eu", e à medida que as iniciações foram acontecendo, foi se integrando cada vez mais ao Anjo Solar, até atingir a *estatura do Cristo*, como se diz nos textos bíblicos, e se converte em um *Iniciado da Boa Lei*.

A terceira iniciação é aquela que culmina onde a unidade mental, o Anjo Solar e o mundo abstrato, constituem um único bloco. O iniciado tem então poder sobre todos os elementos, e vai atingindo os outros níveis até chegar ao nível de um Adepto. Mas, o que eu queria dizer a vocês, além da ideia da morte, é uma ideia que o esoterista não teve no conceito que foi ensinado ao longo do tempo, para dar uma ideia de que realmente essa lei do repouso cíclico opera em todos os planos, e que quando falamos do Logos Solar e seu grande Pralaya, estamos falando de um Devachan de um Logos Solar, onde ele vive todas as coisas que ele não pode realizar no Universo presente, ou no Universo passado e que, portanto, a lei é cumprida porque, como disse Hermes Trismegisto, "*O que está em cima é igual ao que está embaixo e o que está embaixo é igual ao que está em cima*" e que, portanto, tudo está enquadrado dentro das mesmas leis e dos mesmos princípios.

Quando falamos em dormir, descansar, vocês têm uma ideia exata de Devachan, dura apenas algumas horas, mas o que você está vivendo no Devachan, o Devachan do sono? Muitas vezes o que você gostaria de fazer e não poderia realizar, a vantagem de Devachan é que ali não há resistência cármica e você está vivendo ou sentindo que está vivendo. O corpo físico é uma ilusão, não há corpo físico, há uma aparência, a aparência sintetizada de tudo o que fluiu através do tempo. Mas as circunstâncias do eu, seu ambiente, as pessoas com as quais Devachan está cercado, são criações mentais do eu que está no Devachan, não livre do carma. Se o eu foi desprezado por alguém, então essa pessoa o ama intensamente em virtude do poder que o eu tem de fazer seu o que ele queria desejar. E assim deve ser, porque senão carregariamos em cada nova vida o peso do que não foi possível realizar em vidas anteriores, o Devachan tem o poder de nos fazer viver antecipadamente o que podemos viver mais tarde.

São ideias que nos foram explicadas desde o início da Teosofia, com todos os dados concretos, históricos, como diz Leadbeater, ou Besant, por exemplo, quando escreveram seus livros através da clarividência, que puderam perceber vendo os anais do tempo e, assim como um discípulo pode entrar em um ashram sabiamente dirigido pelo Mestre, que pode saber o que é o Devachan, pode ver o Devachan, contemplar um Devachan de outra pessoa, sempre se elevando, porque se você tem que contemplar o Devachan dessa pessoa, tem que se situar aqui, porque senão você não veria nada naquele comprimento de onda, porque você está na mesma situação devachânica. Para entender o que se passa no Devachan de uma pessoa neste nível, você tem que estar *aqui*. Da mesma maneira, para saber o que está acontecendo aqui, devemos prestar atenção aqui. Em outras palavras, para que vocês tenham consciência da terceira dimensão, com seu volume, não apenas com sua superfície, têm que ascender à quarta dimensão, é o mesmo princípio, e se têm que ser conscientes da quarta dimensão, ou autoconscientes na quarta dimensão, têm que ascender à quinta dimensão do espaço e fazer ali as correspondentes analogias e aspectos descritivos ou aspectos analógicos, ou aspectos de estudo. Temos a sorte – parece-me, bom carma, poderíamos dizer – de ter certas ideias sobre o futuro do homem, o futuro do homem que é muito idêntico ao futuro de um Logos, só que o Logos se expressa em uma magnitude e em uma situação espacial muito diferente de nós, mas a lei é a mesma para um pequeno planeta como o nosso, como para a galáxia mais gigantesca e esplêndida, é sempre o mesmo processo, luz, sombra, repouso, movimento, a oscilação dos extremos é compensada no centro. Poderíamos dizer, então, que entre um período de movimento e um período de descanso há sempre o Devachan, que é algo que está acima desses dois aspectos, assim como a dualidade, o polo positivo e o polo negativo em conjunção constitui uma terceira força, a terceira força que digo que é a dinâmica do Universo.

E agora podemos debater mais detalhadamente, se vocês perguntarem.

**Interlocutor** – Se você pudesse explicar um pouco, já que falou do Devachan que existe entre duas vidas, entre esse período da vida e da morte, se você pudesse nos contar um pouco sobre Kamaloka...

**Vicente.** – Entre um nascimento e outro.

**Interlocutor** – E aí o Kamaloka não intervém em...?

**Vicente.** – Sim, Kamaloka é naturalmente Purgatório. O Kamaloka está sempre nos níveis astrais, você sempre verá esses níveis no Kamaloka, o Kamaloka para nós, o Avichi para os magos negros, é o Kamaloka, é o Purgatório, lá você tem que expurgar é por isso que eu falei sobre os planos de eliminação.

**Interlocutor** – Que são estados de consciência.

**Vicente.** - Exatamente, não há lugar, são estados de consciência.

**Interlocutor** – Avichi, é um estado infernal, não é?

**Vicente.** – Um estado infernal; Avichi é o Kamaloka dos magos negros. Deve-se levar em conta porque uma coisa não deve ser confundida com a outra, sendo a mesma. O Avichi é muito mais abaixo. Eu coloco para que vocês tenham uma ideia. Um mago negro, que só pesa porque acumula o mal, que é material e egoísta e dor para os outros, deve necessariamente ter um inferno para ele. O Kamaloka é um purgatório, mas para o mago negro é o inferno, e será até o fim de sua obra.

**Interlocutor** – Como escapa dessa situação?

**Vicente.** – Ele não pode escapar. Não pode escapar no sentido...se ele retificar sua conduta, sim.

**Interlocutor** – Blavatsky nos falou da morte da Alma do Mago Negro.

**Vicente.** – Exatamente, sim, é que morre até certo ponto. Suponhamos que o que se salva é apenas a Mônada, que é imortal. O que morre é o ego.

**Interlocutor** – A Mônada é o que sempre se salva.

**Vicente.** – A Mônada é o princípio da vida. Estamos falando do mago negro. Não que eu goste, mas temos que falar um pouco também. Temos a Mônada, o ego e a personalidade. Se as tendências... todos têm as mesmas possibilidades: (*Vicente o representa em um desenho*), Mônada, digamos, Alma, digamos, personalidade, digamos, uma Alma em encarnação. A personalidade é a Alma em encarnação, a Alma em seu próprio plano é o Anjo Solar, mas se uma pessoa normal no transcurso do tempo faz contato com a Alma e depois a Alma desaparece para entrar em seu próprio plano, porque o Anjo Solar vem nos ajudando há muitos milhões de anos, por meio do Anjo Solar tivemos mente e agora a nossa Alma é autoconsciente, e antes não se conhecia isso. Por exemplo, no

período lunar não havia Anjo Solar, o Plano da Hierarquia ainda não existia, a Hierarquia ainda não existia, todo o processo era um processo automático, era realizado. A pessoa ascendia e ascendia e chegava *aqui* através de muitos milhões de anos, e um dia chegava a fazer fusão com a Mônada e, passavam a constituir um único corpo, uma única expressão.<sup>1</sup> Mas, suponhamos que a personalidade através de sua existência chegue a um momento em que o peso da matéria é tão forte por causa do que o mago está executando, por quaisquer razões cármicas que possam ser – porque isso é muito difícil de interpretar, é um mistério, cada pessoa é um mistério – que a própria gravidade da matéria atrai esse fio, *esse fio aqui se rompe*, porque a Alma não pode avançar para o terceiro nível do plano mental. À medida que puxa para baixo a personalidade perde o ego. E o que acontece então?... A Alma, sem que tenha fracassado, tem que retornar ao Nirvana ou esperar no plano do ego, esperando por outra oportunidade de serviço e sacrifício. A Alma não fracassou, pelo menos de acordo com nossas noções – é muito difícil especificar isso – a personalidade fracassou, não foi capaz de se integrar com a Alma, e então ficou no meio do caminho, por assim dizer. Rompeu o equilíbrio e então a Alma desaparece e a Mônada permanece em seu próprio plano. a Mônada não pode fracassar, o espírito divino nunca pode fracassar, os veículos fracassaram.

**Interlocutor.** – A única coisa que se salva é a Mônada.

**Vicente.** – Sempre, sempre. O ego desaparece porque fica sem ego, e então o que acontece? Resta a personalidade que pode perdurar por um certo tempo, mas como a força da matéria, física, astral e mental são tão potentes por causa de sua própria gravidade, parte desse ego fica submerso no plano elemental, substância elemental astral, física e mental, tudo se reduz a nada. A personalidade é como um pontinho através das eras. Muitos milhões de anos podem se passar – estou falando de um mago negro, daqueles que praticam o mal por própria convicção e que atuaram assim por décadas ou centenas de anos, milhares de anos talvez. Essas pessoas perdem a Alma e são as almas perdidas, perderam a Alma, não só a matéria, mas perderam a Alma, e fica somente isso que vai se desintegrando, tornando-se parte da matéria da qual foi companheira inseparável. O processo normal é este: a personalidade faz contato com a Alma através das Iniciações e, finalmente, estabelece contato com a Mônada. Um Mestre, por exemplo, tem a Mônada e o corpo físico, se precisar, mas tem o poder de integrar sempre que quiser uma personalidade à sua justa medida, porque pode criar seu próprio corpo de expressão, o chamado *mayavirupa*...

**Interlocutor.** – Você nos falou antes sobre o processo de filtração, o que é a esfera devachânica, composta apenas pelas melhores qualidades humanas. Essa esfera tem alguma relação com o corpo causal do ser humano?

---

<sup>1</sup> N. do T.: Lembremos que o Sr. Vicente está desenhando no quadro enquanto explica.



**Vicente.** – A Alma, mesmo no Devachan, tem contato com o Anjo Solar, eles estão ligados por um Antahkarana, por um fio muito fino. Vemos, por exemplo, (*O Sr. Anglada volta a desenhar*), estamos falando de coisas que pertencem à quinta dimensão e é preciso representá-la no espaço de duas dimensões, então não esperemos ver uma coisa muito espetacular. Mas isso é um globo... um globo..., um daqueles globos que é uma esfera devachânica. Mas, se a pessoa tem clarividência vê um ponto luminoso que é a Alma da pessoa que está no Devachan, mas se tem clarividência em uns níveis causais, vê isto: Eu Superior ou Anjo Solar. Há uma linha de luz que vai do Eu devachânico ao Anjo Solar. Devemos insistir nessa relação, porque quando tivermos que nascer de novo, esse fio com os átomos permanentes servirá para criar um corpo físico, porque se temos a capacidade de criar um novo corpo físico, com novas qualidades, novos aspectos, é porque temos um registro akáshico, porque o átomo permanente é um pequeno registro akáshico como em todas as boas e más qualidades. Percebam o que é o carma, porque quando descemos pela linha as qualidades já estão dentro do eu. Mas o que acontece agora? Vamos descer à manifestação. Quando passamos pelos planos de filtração, temos que pegar aqueles defeitos que não conseguimos superar durante o processo do purgatório. Assim, não apenas qualidades, mas ao descer ao plano de manifestação, a vibração do eu através dos átomos permanentes cria um campo magnético, por assim dizer, que atrai matéria semelhante à qualidade do ego que vai encarnar. Assim, temos um corpo físico, um corpo astral e um corpo mental de acordo com o que fomos no passado, e mais aquilo que aprendemos no Devachan. Carregamos sempre mais "haveres" do que "deveres", mais qualidades do que defeitos; aí está a evolução. Para dizer claramente, pesamos menos do que antes. Portanto, subimos de nível através das eras, até chegarmos, como chegaremos, à liberação.

**Interlocutor.** - Você nos falou sobre a média (da vida humana) física, que seria uma média de setenta e dois anos. Esse período da vida física poderia ser comparado com o período da vida astral e mental, ou seria sempre a medida corporal...?

**Vicente.** – Depende da densidade, porque se diz que setenta e dois anos é a idade média de toda a humanidade. Há pessoas que vivem uns cem anos e há pessoas que morrem poucos meses após o nascimento, mas a equivalência cósmica da idade do homem, seus aspectos de idade por exemplo, seus quatro yugas, seus pequenos yugas, estão enquadrados de uma maneira especial que em sua totalidade, se a vida é normal, são setenta e dois anos, divididos em períodos de dezoito anos, que vão da infância à adolescência, da adolescência à juventude, da juventude à meia-idade e da meia-idade à velhice. É cíclico, são aspectos cíclicos, também é uma esfera, o eu está no centro, e há quatro idades. E o Logos terá seus yugas mais elevados, seus grandes yugas como nosso Logos da Terra tem seus yugas também, suas idades cíclicas, muitos yugas acumulados

constituem a idade de um Logos. Muitas idades que compõem o homem que chega à velhice configuram a idade de seu eu naquela encarnação. E é preciso dizer a esse respeito que no eu devachânico não há idade. Uma pessoa que tenha morrido aos oitenta anos, por exemplo, no Devachan tem dezesseis anos, que é onde ele queria viver algo e está vivendo. E vê-se também dentro do Devachan um eu que passa por uma série de anos, consumando aquilo que não pode consumir na idade que lhe correspondia, e, quando chega aos oitenta anos, é curioso, este se reduz até não existir, a esfera devachânica vai se reduzindo e, quando atinge um limite da idade, onde ele não tem mais o que consumir... então fica no que é esotericamente chamado de espera silenciosa e o novo nascimento e, então, vêm fatores cósmicos que nos forçam a encarnar. Estamos sempre falando de pessoas comuns, não estamos falando dos Iniciados, que escapam por lei de todas as leis conhecidas pelos homens comuns, como, por exemplo, o Devachan de um discípulo. O discípulo pode ou não desfrutar de Devachan, depende, e geralmente o discípulo pede ao Mestre que reencarne imediatamente para trabalhar a serviço da Grande Fraternidade. Jinajarasa disse a um amigo meu, quando esteve aqui em Barcelona em um congresso: "Senhor, eu quero iniciar o Devachan"... Disse: "Ah, espere. Se você sente um pouco de prazer do Devachan, não abre mais mão disso. Porque a felicidade que sente no Devachan é tão diferente do que estamos vivendo que realmente a pessoa comum diz que fica no Devachan, como a pessoa que sofre um acidente e passa temporariamente de um plano para outro, vê isso de maneira tão diferente e se sente tão feliz, tão aliviada, que não quer voltar ao corpo e os Senhores do Carma têm que vir e dizer: "*Entra no teu corpo, porque ainda não chegou a tua hora*". E é verdade, isso realmente acontece.

**Interlocutor.** — De qualquer forma, o Devachan deve ser uma criação nossa.

**Vicente.** — Sim, exatamente.

**Interlocutor.** — E deve ser temporário, não deve ser um céu eterno.

**Vicente.** — Temporário, temporário. Não, nunca é eterno. Nem o Grande Pralaya de um Logos é eterno. Quando o Logos tiver revivido todas as experiências que tem que reviver no grande silêncio cósmico do Grande Pralaya, passará inexoravelmente pelas mesmas fases de se sentir lançado novamente pelas leis do carma cósmico, e terá que nascer de novo em outro Universo. E aqui falamos de Universos como falamos de corpos. Temos três corpos e o Logos tem três corpos, três Universos; conhecemos dois, o primeiro e o segundo, o que estamos vivendo agora, mas resta um terceiro do qual não sabemos praticamente nada, exceto que será a recompilação do primeiro e do segundo com a expansão das *Doze Hierarquias Criadoras*.

Isso é muito interessante, e é conveniente desvendar o pequeno significado, as pequenas coisas, porque são as grandes avenidas das grandes manifestações cósmicas, assim como as pequenas crises são as grandes

avenidas da grande crise iniciática. Assim, a pessoa que vive atenta às suas crises está se iniciando, está vivendo uma certa iniciação em um período de emergência. E todos nós passamos por isso. As crises não devem nos assustar, só a indecisão diante de uma crise, não a crise em si. É como a febre no corpo, ela indica o estado, a situação do corpo, o que devemos fazer com o corpo, e a Alma também nos diz o que temos que fazer.

**Interlocutor.** – O Devachan é individual? Por exemplo, se uma pessoa quer consumir um estado de felicidade na companhia de um ente querido, com uma alma gêmea e tudo isso, então como pode realmente consumá-lo se está sozinha no Devachan?

**Vicente.** – Não está sozinho, está com suas próprias imagens mentais.

**Interlocutor.** – E constrói?

**Vicente.** – Sim, constrói. Por exemplo, você pode morar com sua família no plano do Devachan, como todos. Iremos sozinhos, mas com tudo aquilo que amávamos. Primeiro, quando chegamos *aqui*, muito do que vivemos desaparece porque não tem importância para nós, mas, suponhamos que uma determinada pessoa ou um grupo de certas pessoas tenha importância para nós. Nós o carregamos dentro do registro memorial da Alma, que é (digamos) um registro akáshico, e quando estamos no Devachan vivemos as cenas que não vivemos porque nos faltou oportunidade. Aquelas pessoas são criações reais enquanto o Devachan durar, mais reais do que físicas. O físico é mais ilusão do que o plano devachânico, e a experiência astral é inferior à experiência devachânica, e reconhecemos o mesmo da mente, não tem comparação, porque a pessoa que tinha a ânsia de compor música e não tinha qualidades, lá compõe música, porque existem os anjos devachânico. Vamos falar sobre isso outro dia, dos anjos no Devachan, que são os que acompanham os pensamentos do homem. A maioria das pessoas tem medo da morte. Digo a vocês que a morte só aterroriza as pessoas que não são teósofas ou que não têm a consciência estabelecida dentro da Teosofia.

**Interlocutor.** – O purgatório é assustador antes de chegar ao Devachan...

**Vicente.** – Estamos passando por um certo purgatório, estamos nos purgando aqui na vida... A questão é que nem sempre nos purgamos completamente. Em suma, temos que passar pelo processo de purgação ou de eliminação. O interessante é mesmo que estamos dentro de um processo, eu diria, cármico superior.

**Interlocutor.** – Você diz que nos tiram do Devachan para encarnar. Mais uma vez, pergunto: do que somos feitos...?

**Vicente.** – Somos muito complexos, somos feitos de muitas coisas. Há duas linhas – e o esoterista sabe muito bem disso – há uma linha de menor resistência que leva ao prazer, ao deleite físico, o eu está aqui, o nosso eu, a linha de menor resistência é a linha da gravidade em relação à matéria. E

aqui temos todos os prazeres, todos os "*gostaria de me divertir*", mas, se uma pessoa se diverte, não evolui. Se o carma é bom demais, a pessoa fica estancada naquela existência. Às vezes há existências de descanso, a vida, o eu que está ocupando aquele corpo, viveu intensamente outras vidas e vem descansar. E vimos esotericamente vidas de grandes iniciados que vieram descansar em uma vida e não se fala deles, estão descansando, precisamente não no Devachan, mas no corpo físico. Especialmente quando sofreu muito fisicamente, há uma compensação na vida. Mas, depois, há a outra parte, a pessoa que sabe que isso existe e sabe também que tem que buscar a lei da regeneração, a liberação e, então, a linha que vai à gravidade da matéria, vai em direção à antigravitação ou agravitação do espírito. Claro, dizemos, espírito e matéria, certo? Estamos no centro do espírito e da matéria, em uma dualidade devemos sempre escolher. Há pessoas que em sua própria vida já vivem uma vida de felicidade, uma vida devachânica, talvez não a vida devachânica em si, mas já estão trabalhando para criar um Devachan nesta vida. As pessoas que fazem o bem têm seu próprio céu e as pessoas que fazem o mal têm seu próprio purgatório, ou seu próprio inferno na vida, porque são estados de consciência, não nos esqueçamos que não são lugares. Como foi dito antes, o céu é um lugar na religião católica. É um estado de consciência, tudo é um estado de consciência, mesmo nós somos um estado de consciência de Deus. E tudo ao nosso redor são aspectos materiais de um estado de consciência de Deus. Quando Deus diz: "*Eu me vou porque esse universo não me interessa mais*", todos cairemos dentro do próprio Logos, dentro da essência e o resto desaparecerá. Desfrutaremos do Grande Pralaya do Grande Senhor, do seu próprio Devachan. Talvez não tenhamos a consciência devachânica como o Logos tem, mas não haverá problema, haverá uma seleção entre aqueles que podem penetrar no Grande Pralaya, aqueles que têm que renascer imediatamente em outro Universo, ou em outro Sistema Solar, que o nosso serviço seja em uma galáxia ou em outro planeta, isso a própria lei tem que dizer.

**Interlocutor.** – Aqui no mundo físico todos nós temos a nossa forma, a nossa personalidade completamente diferente uns dos outros. Isso faz com que nos reconheçamos perfeitamente, mas o que deve acontecer nos planos superiores da natureza quando perdemos os corpos físico, astral e mental? Como reconhecer nossos queridos familiares com os quais dizem que nos encontramos na outra vida? Em que consiste, que guia temos ali para nos reconhecermos?

**Vicente.** – Temos um registro interno de tudo o que fizemos através do átomo permanente físico, ou do átomo permanente astral ou mental. Há um reconhecimento entre pessoas que se viram em outra vida, vemos antipatias, simpatias ou atrações por certas pessoas ou certos lugares determinados. E isso não aprendemos, está dentro de nós. Quando podem se lembrar de um evento nesta vida é porque há um lugar em vocês que em que aquilo está vivendo. A memória, quando lembramos do que fizemos ontem é porque aquilo está vivendo. Se tivéssemos uma qualidade

de memória ultrasensível iríamos nos sentir integrados no ontem com o que vivemos porque aquilo está vivendo, são imagens vivas com características próprias, os seus sons, os seus perfumes, tudo está vivendo ali. Portanto, têm a ideia de uma determinada pessoa é porque ela está dentro do subconsciente. O subconsciente é um grande depósito de memória esotérica e, quando precisamos lembrar das pessoas, apenas pensando nelas, emerge o que está vivendo dentro. Assim, somos mais completos e mais perfeitos em toda a expressão do que podemos supor.

Vale a pena nos entregarmos ao estudo esotérico, porque ele realmente nos dá uma visão clara do que é a vida, do que são as circunstâncias, do que é o eu e o que é Deus em nós.

Um pouco de silêncio.

---

Conferência de Vicente Beltrán Anglada em Barcelona, 14 de dezembro de 1987

Digitalizado pelo Grupo de Transcrição da Conferência (G.T.C.) 18 de maio de 2007

---